

## O Mercado da Pecuária de Corte na Bahia

### Sumário

<i>1 – Apresentação</i> .....	<i>1</i>
<i>2 – Cadeia da Carne Bovina: aspectos gerais</i> .....	<i>2</i>
<i>3 – Mercado de carne bovina no Brasil</i> .....	<i>5</i>
3.1 – <i>Oferta</i> .....	<i>5</i>
3.2 – <i>Demanda</i> .....	<i>8</i>
3.3 – <i>Cotação</i> .....	<i>12</i>
<i>4 – Mercado de carne bovina na Bahia</i> .....	<i>14</i>
4.1. <i>Oferta</i> .....	<i>15</i>
4.2 <i>Demanda</i> .....	<i>21</i>
4.3 <i>Cotação</i> .....	<i>22</i>
4.4 <i>Alguns números sobre rentabilidade</i> .....	<i>23</i>
4.3.1 <i>Barreiras</i> .....	<i>24</i>
4.3.2 <i>Feira de Santana</i> .....	<i>24</i>
4.3.3 <i>Itamarajú e Itapetinga</i> .....	<i>25</i>
<i>Conclusões</i> .....	<i>26</i>
<i>Referências</i> .....	<i>28</i>

---

### 1 – Apresentação

Este relatório sistematiza um conjunto de informações e registra alguns exercícios referentes ao mercado da pecuária de corte na Bahia, com o objetivo de subsidiar as gerências operacionais da Desenbahia na análise de projetos com vistas à concessão de crédito.

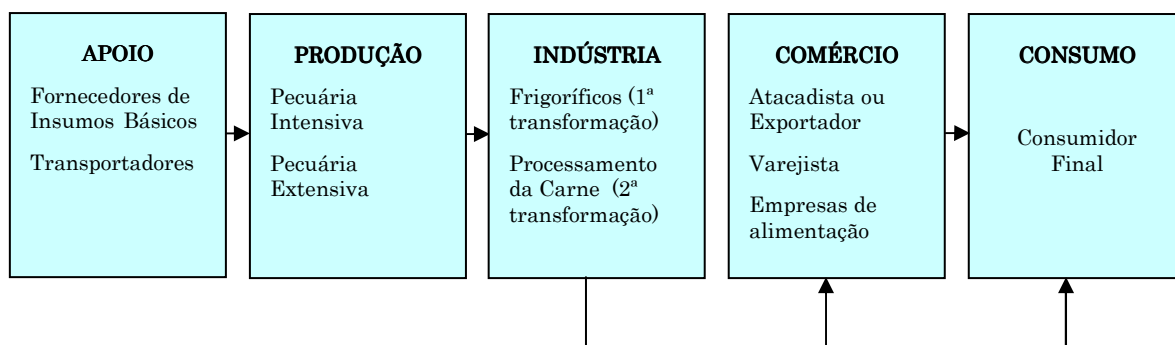
Primeiramente, são apresentadas algumas características da cadeia da carne bovina, situando a posição da pecuária de corte na cadeia e levantando os principais aspectos que condicionam a competitividade do produto brasileiro. Na seção seguinte, descreve-se o mercado de carne brasileiro, destacando dados da oferta, demanda e cotação do produto. Observa-se que o Brasil coloca-se entre os mais importantes produtores de carne do mercado mundial e que apenas a região Centro-Oeste responde por mais de 1/3 do rebanho nacional. O rebanho da Bahia é o nono maior do país, correspondendo a 5,5% do nacional. Apesar de a maior parte da produção manter-se no mercado doméstico, cerca de 80%, o Brasil posiciona-se como o maior vendedor externo de carne bovina.

Na parte referente ao mercado baiano, são sistematizadas informações sobre a produção de carne de boi no estado, realizados exercícios para estimar demanda, apresentadas cotações nas principais praças do estado e registrados alguns resultados de um trabalho sobre rentabilidade realizado pelo CEPEA-ESALQ. Constata-se, nesta oportunidade, a desarticulação dessa cadeia no estado, conquanto entidades públicas e privadas, por meio da iniciativa de constituição de Câmaras Setoriais e Temáticas por parte da SEAGRI, procuram alinhar ações, com o fito de melhorar a articulação dos agentes produtivos situados nas diferentes posições da cadeia.

Finalmente, à guisa de conclusões, levantam-se os principais pontos do relatório e identificam-se alguns aspectos que merecem atenção na análise de projetos do setor encaminhados à agência solicitando crédito.

## 2 – Cadeia da Carne Bovina: aspectos gerais

A pecuária de corte situa-se no início da cadeia da carne bovina e conta com o apoio de um conjunto de atividades conformado por fornecedores de forragens e pastagens, rações, sais minerais, produtos veterinários, máquinas e equipamentos, transportadores dentre os mais importantes. A jusante, encontram-se os agentes demandadores diretos: os frigoríficos e as empresas de processamento da carne. O produto destes últimos segue para o comércio atacadista ou varejista, agentes exportadores, ou ainda empresas especializadas na produção de alimentos (a exemplo de redes de hotéis e empresas de *catering*). O consumo final é a última etapa da cadeia e, geralmente, é suprido pelos canais de distribuição do comércio, como supermercados, feiras livres e mercados de carne. O esquema disposto a seguir apresenta os principais segmentos dessa cadeia.



**Figura 1: Esquema da Cadeia de Carne Bovina**

Fonte: Elaboração própria.

A coordenação da cadeia produtiva da carne é um aspecto fundamental para o sucesso dos diversos empreendimentos envolvidos, notadamente a pecuária de corte e os frigoríficos. Uma coordenação eficiente impacta positivamente no funcionamento da

cadeia, uma vez que permite estabilizar a oferta de matéria-prima que a pecuária encaminha para os frigoríficos. Cabe notar que a qualidade do produto final que sai dos frigoríficos é função, em grande medida, da qualidade dos animais destinados ao abate. Um planejamento comum, com troca de informações entre a produção e a indústria, permite uma avaliação da disponibilidade de animais para o abate, amenizando os efeitos dos ciclos de safra e entressafra sobre os preços da arroba de boi e o volume de carne produzido (BRASIL, 2007).

Retendo a atenção na pecuária, Moreira et al. (2009) observam que a atividade se desmembra em três partes: cria, recria e engorda. Tanto é possível um produtor se especializar em uma dessas partes, quanto é possível um pecuarista se ocupar em duas ou três atividades. Não obstante, a verticalização da produção pode implicar redução significativa da lucratividade do negócio, já que o produtor terá que trabalhar com um maior número de animais na sua propriedade, o que reduzirá o giro do capital. Os mesmos autores alertam, contudo, que essa mesma verticalização, por outro lado, pode viabilizar uma melhor qualidade do rebanho, reduzir a idade do abate e deixar o produtor menos sujeito às variações dos preços.

Enquanto na cria e recria o pecuarista volta-se à produção de matrizes, na engorda, também chamada de internada, o produtor atua comprando o novilho magro e vendendo-o gordo. De acordo com Moreira et al. (2009), a engorda pode ser realizada por meio de três sistemas de produção: i) engorda extensiva (gado alimentado pelo pasto com suplemento de sal mineral); ii) engorda intensiva ou em confinamento (gado agrupado em pequenos lotes, com alimentação controlada de volumosos e concentrados); e iii) engorda mista ou semi-intensiva (associação entre os dois sistemas, de forma sucessiva ou simultânea).

A engorda intensiva tornou-se mais relevante no Brasil a partir dos anos 1980 quando a cadeia da carne iniciou um processo de reestruturação intenso, com o desaparecimento de alguns frigoríficos (a exemplo de Kaopwa e Anglo), a saída de empresas dessa cadeia (como Sadia, Perdigão e Ceval) e o despontar de novos empreendimentos em bases mais modernas (Friboi, Bertin, Minerva, Mafri e Independência). O confinamento mostrou-se como sistema que permite a oferta de animais para abate em períodos de escassez e, nessas condições, vem se desenvolvendo como uma prática crescente. Os rebanhos de São Paulo, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Bahia, Paraná e Rio Grande do Sul respondem por 85% do gado confinado no Brasil em 2008 (ANUALPEC, 2009).

Entre os pré-requisitos para o confinamento, destaca-se a facilidade para compra e venda de animais e para a aquisição e/ou produção de alimentos. E, entre as vantagens, estritamente do ponto de vista do pecuarista, sobressaem-se o alívio da pressão de pastejo e liberação de áreas de pastagens, destinação de áreas para outros fins, como acolhimento de matrizes em gestação e em fase de amamentação de bezerros (melhorando a produtividade do rebanho), produção de carne de melhor qualidade, aumento do peso da carcaça, redução na idade de abate (com aumento da taxa de desfrute), programação de abates, possibilidade de produção em pequenas propriedades, ampliação da produção de adubo orgânico, aproveitamento de resíduos agroindustriais

como alimento animal e obtenção de preços melhores pela venda na entressafra (WEDKIN, 1994 apud MOREIRA ET AL. 2009).

Não obstante essas vantagens, o confinamento no Brasil ainda representa um percentual muito pequeno no conjunto da atividade. De acordo com estimativas da AgraFNP, em 2008, havia 2.757 mil cabeças confinadas no país e outras 2.804 mil cabeças em regime de semi-confinamento (ANUALPEC, 2009). Se reunidos esses dois números, eles representam apenas 2,7% do rebanho brasileiro contabilizado pelo IBGE (Pesquisa Pecuária Municipal – PPM/IBGE de 2008). Para a Bahia, a estimativa é 141 mil cabeças confinadas e 117 mil em regime de semi-confinamento – os valores somados representam 2,3% do rebanho do estado.

De acordo com estudo realizado pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento – MAPA (BRASIL, 2007), se, por um lado, a cadeia da carne bovina brasileira apresenta-se competitiva mundialmente devido aos baixos custos de mão-de-obra, a terra relativamente barata e a abundância de fontes de alimentação animal, por outro, carece de esforços em alguns sentidos para ampliar essa competitividade. Como já mencionado acima, a tecnologia na produção pode ajudar muito com a ampliação do confinamento e a reprodução animal assistida (inseminação artificial, transferência de embriões e fertilização *in-vitro*). Melhoramento dos fatores genéticos e manejo adequado podem permitir a produção de carnes diferenciadas de modo a atender mercados de consumo mais exigentes. A tecnologia no abate, já madura e homogênea em quase todo o mundo, também pode contribuir para a agregação de valor nos produtos finais. No que tange à gestão pecuária, resente-se do desenvolvimento de ferramentas mais adequadas às necessidades gerenciais. Na realidade, a diversidade de propriedades (algumas eficientes e outras não) dificulta esse desenvolvimento e conduz à criação de ferramentas genéricas. A rastreabilidade e a certificação também precisam ser incentivadas, uma vez que se trata de uma exigência do mercado internacional, além de se constituírem em mecanismos de controle e de garantia da qualidade. Questões ambientais e sanitárias (notadamente aqui a erradicação da febre aftosa) são mais dois aspectos relevantes para o aumento da competitividade da carne brasileira.

Não menos importante na análise da competitividade da cadeia da carne no Brasil são os sistemas de inspeção e fiscalização. Atualmente, o sistema encontra-se estruturado em três níveis de atuação (federal, estadual e municipal), mas só tem havido inspeção e fiscalização efetivas, raros os casos de exceção, nos dois níveis mais elevados – federal e estadual. Na maioria das vezes, os Serviços de Inspeção Municipal (SIM) sofrem de pressão política local e não conseguem realizar uma atividade adequada (o estudo do MAPA também aponta problemas dessa natureza para os Serviços de Inspeção Estadual - SIE). O fato é que o Sistema de Inspeção Federal (SIF) exige-se mais exigente em termos de controles, adequação do local, processo de abate e manuseio do produto. Como resultado, os produtos com selo SIF acabam sendo mais bem cotados pelo mercado, inclusive porque são os únicos permitidos à venda externa.

### **3 – Mercado de carne bovina no Brasil**

#### **3.1 – Oferta**

Nos últimos 18 anos, o rebanho bovino brasileiro cresceu a uma taxa média anual de 1,79%, saindo de um patamar de 147 milhões em 1990 para alcançar 202 milhões de cabeças em 2008 (PPM/IBGE). É preciso notar que essa evolução não foi linear, pois esse rebanho já chegou a 207 milhões de cabeças em 2005, quando iniciou um movimento de encolhimento até 2007 (neste ano, foram contabilizadas 199,8 milhões de cabeças) e então retomou movimento de ampliação (Tabela 1).

A principal região brasileira em tamanho do rebanho é o Centro-Oeste, com quase 69 milhões de cabeças, o que corresponde a 34% do contabilizado no país em 2008. Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás são, respectivamente, a primeira, a terceira e a quarta unidade da federação nesse *ranking*. A região Norte é segunda do país em tamanho do rebanho, com 39 milhões de cabeças de bovinos, ou 19% da soma nacional. Nessa região, os principais estados produtores são o Pará e Rondônia, respectivamente o quinto e o oitavo colocados no *ranking*. Na região Sudeste (perto de 38 milhões de cabeças, 18,7% do rebanho nacional), os principais estados criadores são Minas Gerais e São Paulo, exatamente o segundo e o sétimo mais importantes do país. No Nordeste (quase 29 milhões de cabeças), o único estado com um rebanho de tamanho significativo é a Bahia (com 11 milhões) que se situa na nona posição no *ranking* nacional. Já na região Sul (que congrega 28 milhões de cabeças), os principais rebanhos estão no Rio Grande do Sul e no Paraná, respectivamente, o sexto e o décimo estados nessa lista de importância. A tabela seguinte apresenta os dados mencionados.

Nos últimos três anos, o Brasil abateu um número decrescente de cabeças: foram 26,4 milhões de animais (entre bois e vacas) em 2007, 24,7 milhões em 2008, e 24 milhões em 2009 (Tabela 2). Grande parte dessa queda deve ser atribuída ao abate de vacas que foi se reduzindo ao longo desse período. A quantidade de bois abatidos caiu de 2007 para 2008 (de 15,8 para 15,1 milhões de animais), mas voltou a subir em 2009 (quando foram abatidos 15,3 milhões de bois). O fenômeno do abate de fêmeas está relacionado com o descarte de animais velhos ou com animais jovens que não demonstram habilidade reprodutiva satisfatória. Nos períodos em que há recomposição do rebanho, ocorre menos abate de fêmeas. Já nos períodos mais difíceis para o pecuarista, o abate de vacas acaba ampliando-se. De acordo com informações da Scot Consultoria, em anos de crescimento do rebanho, as taxas de abate de fêmeas raramente superam a marca dos 30% no Brasil (ABATE DE VACAS, 2009). Recentemente, no entanto, o preço da arroba de vaca iniciou uma escala ascendente (uma vez que ele é historicamente bem menor que o preço da arroba de boi), justificando investimentos para engorda de fêmeas com o fito de abate (ARROBA DA VACA..., 2010).

**Tabela 1 - Rebanho bovino brasileiro – efetivo por estado**

(Mil cabeças)

Regiões	1990	1995	2000	2005	2006	2007	2008
<b>Norte</b>	<b>13.317</b>	<b>19.183</b>	<b>24.518</b>	<b>41.489</b>	<b>41.060</b>	<b>37.866</b>	<b>39.119</b>
RO	1.719	3.928	5.664	11.349	11.484	11.008	11.176
AC	400	471	1.033	2.313	2.453	2.316	2.426
AM	637	806	843	1.197	1.243	1.209	1.312
RR	-	282	480	507	509	481	476
PA	6.182	8.058	10.271	18.064	17.502	15.354	16.241
AP	70	93	83	97	109	103	96
TO	4.309	5.544	6.142	7.962	7.761	7.395	7.393
<b>Nordeste</b>	<b>26.190</b>	<b>23.174</b>	<b>22.567</b>	<b>26.969</b>	<b>27.881</b>	<b>28.711</b>	<b>28.852</b>
MA	3.900	4.162	4.094	6.449	6.613	6.609	6.816
PI	1.974	2.135	1.779	1.827	1.838	1.737	1.751
CE	2.621	2.266	2.206	2.299	2.353	2.424	2.461
RN	956	722	804	978	1.027	1.010	1.029
PB	1.345	1.054	953	1.053	1.093	1.139	1.202
PE	1.966	1.362	1.516	1.909	2.095	2.220	2.250
AL	891	834	779	985	1.029	1.112	1.162
SE	1.030	797	880	1.005	1.068	1.074	1.081
BA	11.505	9.841	9.557	10.463	10.765	11.386	11.100
<b>Sudeste</b>	<b>36.323</b>	<b>37.168</b>	<b>36.852</b>	<b>38.944</b>	<b>39.209</b>	<b>38.587</b>	<b>37.820</b>
MG	20.472	20.146	19.975	21.404	22.203	22.575	22.370
ES	1.665	1.968	1.825	2.027	2.119	2.142	2.120
RJ	1.924	1.905	1.959	2.093	2.096	2.079	2.145
SP	12.263	13.148	13.092	13.421	12.790	11.791	11.186
<b>Sul</b>	<b>25.326</b>	<b>26.641</b>	<b>26.298</b>	<b>27.770</b>	<b>27.200</b>	<b>26.500</b>	<b>27.566</b>
PR	8.617	9.389	9.646	10.153	9.765	9.495	9.586
SC	2.994	2.993	3.051	3.377	3.461	3.489	3.865
RS	13.715	14.259	13.601	14.240	13.975	13.516	14.116
<b>Centro-Oeste</b>	<b>45.946</b>	<b>55.061</b>	<b>59.641</b>	<b>71.985</b>	<b>70.536</b>	<b>68.088</b>	<b>68.930</b>
MS	19.164	22.292	22.205	24.504	23.726	21.832	22.365
MT	9.041	14.154	18.925	26.652	26.064	25.683	26.018
GO	17.635	18.492	18.399	20.727	20.647	20.471	20.466
DF	106	123	112	102	99	102	80
<b>Brasil</b>	<b>147.102</b>	<b>161.228</b>	<b>169.876</b>	<b>207.157</b>	<b>205.886</b>	<b>199.752</b>	<b>202.287</b>

Fonte: Pesquisa Pecuária Municipal - IBGE. Elaboração própria.

Apesar da queda do número de animais abatidos, o peso total das carcaças aumentou em 2009 frente ao peso de 2008. Foram 5,75 milhões de toneladas de carcaça em 2008 e 5,78 milhões de toneladas em 2009. Constata-se, assim, uma elevação na produtividade da pecuária de corte brasileira, tanto no que se refere ao abate de bois quanto ao abate de fêmeas. Em 2008, cada boi gerou em média 261 kg de carcaça; em 2009, gerou 267 kg. As vacas abatidas em 2008 produziam, em média, 189 kg de carcaça; em 2009, 194 kg (Tabela 2).

**Tabela 2 - Abate de bovinos, peso das carcaças e produtividade, por estado**

Estado / Animal		2008			2009		
		Quantidade de animais abatidos	Peso total carcaças (ton.)	Produtividade (Kg/animal)	Quantidade de animais abatidos	Peso total carcaças (ton.)	Produtividade (Kg/animal)
Brasil	Bois	15.141.620	3.949.740	261	15.308.794	4.088.233	267
	Vacas	9.549.161	1.803.123	189	8.716.387	1.688.744	194
MT	Bois	2.451.704	662.772	270	2.531.744	703.334	278
	Vacas	1.197.760	229.131	191	1.173.081	233.420	199
MG	Bois	1.337.120	333.721	250	1.238.408	317.279	256
	Vacas	969.237	183.097	189	728.125	138.115	190
MS	Bois	1.351.591	364.482	270	1.463.412	405.477	277
	Vacas	1.005.871	191.909	191	938.815	182.317	194
GO	Bois	1.842.294	491.965	267	1.628.952	437.434	269
	Vacas	933.780	174.325	187	771.514	148.415	192
PA	Bois	1.192.686	323.095	271	1.223.919	338.090	276
	Vacas	896.219	167.216	187	865.253	166.140	192
RS	Bois	376.810	90.444	240	406.091	98.579	243
	Vacas	471.152	99.680	212	604.658	125.848	208
SP	Bois	2.191.141	590.038	269	2.235.211	615.908	276
	Vacas	1.013.470	197.353	195	886.964	177.991	201
RO	Bois	977.661	253.643	259	1.141.785	304.976	267
	Vacas	662.670	121.817	184	577.688	109.223	189
BA	Bois	676.464	160.323	237	711.234	173.900	245
	Vacas	422.855	81.320	192	361.919	72.783	201
PR	Bois	648.104	166.694	257	638.437	167.838	263
	Vacas	344.268	68.262	198	377.655	74.853	198

Fonte: Pesquisa Trimestral de Abate de Animais – IBGE. Elaboração própria.

Em relação aos estados com maiores rebanhos, verifica-se que Mato Grosso mantém-se no primeiro lugar no *ranking* de maior volume de abate de bovinos. A produtividade nesse estado também é importante nacionalmente, pois supera a produtividade média do país (em 2009, cada boi gerou em média 278 kg de carcaça e cada vaca, 199 kg). Em seguida, aparece São Paulo como o segundo maior estado em abate. Apesar de se colocar como o sétimo estado em rebanho, São Paulo tem uma indústria frigorífica importante e posiciona-se geograficamente de forma favorável para receber animais de Minas Gerais. Em razão desse deslocamento dos animais, o estado de Minas Gerais, o segundo em rebanho no país, registra uma quantidade de abate que o coloca na sexta posição nesse *ranking*. Observa-se, assim, que, enquanto em São Paulo a produtividade dos animais abatidos supera a média brasileira, a produtividade dos abates em Minas Gerais situa-se abaixo da média nacional. É certo que as melhores cabeças desse estado são dirigidas para os frigoríficos paulistas.

Ainda entre os estados com maiores rebanhos, produtividades do abate abaixo da média brasileira são encontradas no Rio Grande do Sul, Bahia, e Paraná, além de Minas Gerais, conforme comentado acima. Nesses quatro casos, constata-se também aumento do peso das carcaças em 2009 frente ao peso médio de 2008, com exceção do abate de



vacas no Rio Grande do Sul, o que indica tendência a acompanhar o ritmo de incremento observado no conjunto nacional.

Na Bahia, em particular, a elevação da produtividade do abate de bois em 2009, frente à calculada para 2008, foi de 3,4%, uma vez que saiu de 237 kg/animal para 245 kg/animal; no Brasil, a produtividade do abate de bois elevou-se em um patamar menor, de 2,3%.

Esta produção nacional permite ao Brasil posicionar-se como o segundo maior produtor mundial de carne bovina (inclusive de novilhos), após os Estados Unidos, segundo dados do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos – USDA (Tabela 3). Por essas estatísticas, o Brasil é responsável por entre 15% e 16% da oferta mundial de carne bovina. Entre 2006 e 2009, o Brasil produziu o equivalente a 75% da produção de carne bovina norte-americana. Para 2010, as expectativas do USDA é que a oferta brasileira aumente e a norte-americana sofra leve recuo, de modo que a produção do Brasil alcance 79% da dos Estados Unidos.

**Tabela 3 - Produção de carne bovina em países selecionados**

**Em Mil Toneladas (Peso Equivalente da Carcaça)**

<b>Países</b>	<b>2006</b>	<b>2007</b>	<b>2008</b>	<b>2009*</b>	<b>2010**</b>
Estados Unidos	11.980	12.096	12.163	11.889	11.789
Brasil	9.025	9.303	9.024	8.935	9.300
União Europeia	8.150	8.188	8.090	7.970	7.920
China	5.767	6.134	6.132	5.764	5.550
Argentina	3.100	3.300	3.150	3.400	2.800
Índia	2.375	2.413	2.525	2.610	2.760
Austrália	2.183	2.172	2.159	2.100	2.075
México	1.550	1.600	1.667	1.700	1.735
Rússia	1.430	1.370	1.315	1.285	1.260
Paquistão	1.057	1.113	1.168	1.226	1.250
Canadá	1.329	1.278	1.288	1.245	1.225
Outros	9.495	9.347	9.424	8.893	8.961
<b>Total</b>	<b>57.441</b>	<b>58.314</b>	<b>58.105</b>	<b>57.017</b>	<b>56.625</b>

Fonte: United States Department of Agriculture - Foreign Agricultural Service (abril/2010).  
Elaboração própria.

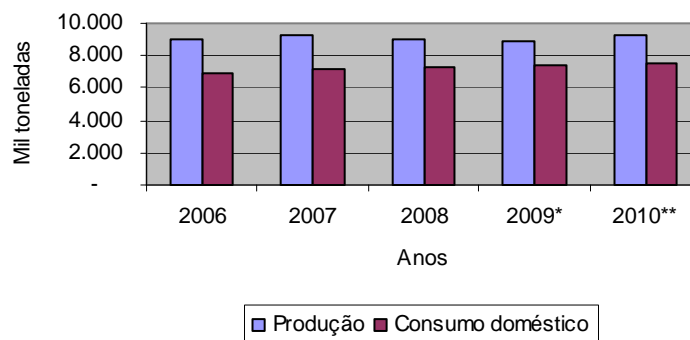
\* Dado preliminar

\*\* Previsão em abril/2010

### **3.2 – Demanda**

O principal mercado consumidor da produção brasileira de carne bovina é a própria população do país. Estima-se que o consumo doméstico de carne bovina responda por cerca de 80% da produção nacional, conforme estatísticas do USDA (gráfico abaixo).





**Gráfico 1 – Produção e consumo doméstico de carne bovina no Brasil**

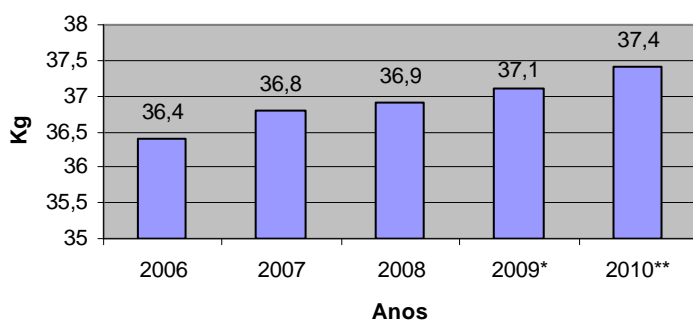
Fonte: United States Department of Agriculture - Foreign Agricultural Service (abril/2010). Elaboração própria.

própria.

\* Dado preliminar

\*\* Previsão em abril/2010

Como se pode notar no gráfico, o consumo doméstico vem se elevando ano a ano: em 2006, o consumo foi de 6,97 milhões de toneladas; em 2009, de 7,37 milhões de toneladas; e as expectativas para 2010 são de consumo de 7,52 milhões de toneladas. Trata-se de um crescimento médio anual de 1,9%, maior, portanto, que a taxa de crescimento da população brasileira.<sup>1</sup> De fato, o consumo per capita de carne do brasileiro vem se incrementando, conforme levantamento do USDA (ver Gráfico 2). De um levantamento de 28 países selecionados, o consumo anual de carne no Brasil em 2009 (37,1 kg) só é menor que o consumo da população da Argentina (67,2 kg), Uruguai (49,8 kg) e Estados Unidos (40,0 kg). É significativamente maior que o de alguns países/regiões ricos como Austrália (35,1 kg), Canadá (30,2 kg) e União Europeia (16,9 Kg).



**Gráfico 2 – Consumo per capita de carne bovina no Brasil**

Fonte: United States Department of Agriculture - Foreign Agricultural Service (abril/2010). Elaboração própria.

\* Dado preliminar

\*\* Previsão em abril/2010

<sup>1</sup> De acordo com cálculo do IBGE de 2004, a taxa de crescimento anual da população brasileira era de 1,44%, devendo cair nos anos seguintes (conforme tendência verificada desde 1950). Cálculos a partir de estimativas da população em junho de 2006 e junho de 2010 indicam uma taxa de crescimento média de 0,83%.

O mercado externo também é bastante relevante para a produção brasileira de carne bovina. De acordo com as estatísticas do USDA, o Brasil exibe-se como o mais importante exportador de carne bovina no cenário mundial. O segundo país em exportações, a Austrália, vendeu 85% do volume comercializado pelo Brasil no mercado internacional em 2009.<sup>2</sup>

Pelos dados extraídos do sistema aliceweb, constata-se que o principal produto exportado pelo Brasil é carne desossada e congelada de bovino (NCM 02.02.3000), conforme se pode verificar nas duas tabelas a seguir. Em 2009, foram exportados US\$ 2.655 milhões desse produto, apenas 70% do valor comercializado em 2008. Em termos de volume, em 2009, foram vendidas quase que 850 mil toneladas (12% a menos que no ano anterior).

**Tabela 4 - Exportações brasileiras de carne bovina**

Em milhões US\$ FOB

NCM - Mercadorias	2005	2006	2007	2008	2009	2010 (até março)
02.01 - Carnes de animais da espécie bovina, fresca ou refrigeradas	177,76	122,67	779,74	296,09	367,25	0,00
02.01.3000 - Carnes desossadas de bovino, frescas ou refrigeradas	177,74	122,65	779,68	296,07	367,19	0,00
02.01.2090 - Outras peças não desossadas de bovino, frescas ou refrigeradas	0,02	0,02	0,04	0,02	0,06	0,00
02.02 - Carnes de bovinos, congeladas.	907,83	1.102,76	2.705,99	3.710,16	2.655,31	204,73
02.02.3000 - Carnes desossadas de bovinos, congeladas	906,19	1.099,06	2.699,96	3.698,68	2.648,53	203,80
02.02.2090 - Outras peças não desossadas de bovino, congeladas	1,61	3,67	5,98	10,61	6,66	0,91
02.06 - Miudezas de bovinos (parte do NCM)	62,94	75,52	121,32	177,89	195,07	21,60
02.06.2100 - Línguas de bovino, congeladas	6,17	9,39	12,97	14,85	15,03	2,46
02.06.2200 - Figados de bovino, congelados	6,07	5,95	7,33	6,25	3,27	0,16
02.06.2910 - Rabos de bovino, congelados	0,65	2,69	3,39	3,36	3,56	0,27
02.06.1000 - Miudezas comestíveis de bovino, frescas ou refrigeradas	0,14	0,14	0,07	0,08	0,66	0,20
02.06.2990 - Outras miudezas comestíveis de bovino, congeladas	49,93	57,36	97,56	153,34	172,56	18,52
<b>Total</b>	<b>1.148,54</b>	<b>1.300,95</b>	<b>3.607,05</b>	<b>4.184,14</b>	<b>3.217,63</b>	<b>226,33</b>

Fonte: Aliceweb. Elaboração própria.

<sup>2</sup> Até 2003, os Estados Unidos eram grandes exportadores de carne. Sua posição no mercado internacional se deteriorou em função das ocorrências de BSE (mais conhecida como vaca louca).

**Tabela 5 - Exportações brasileiras de carne bovina**

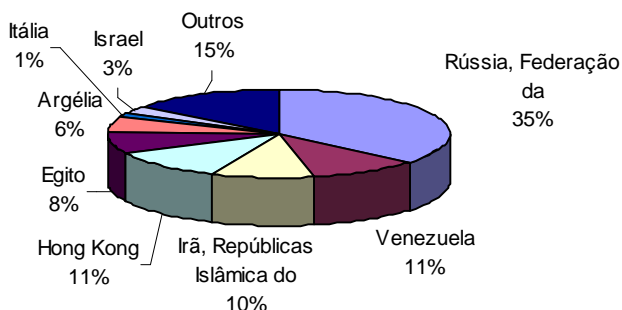
Em mil toneladas

NCM - Mercadorias	2005	2006	2007	2008	2009	2010 (até março)
02.01 - Carnes de animais da espécie bovina, fresca ou refrigeradas	627,14	666,56	128,25	50,75	74,20	0,00
02.01.3000 - Carnes desossadas de bovino, frescas ou refrigeradas	627,10	666,52	128,23	50,75	74,17	0,00
02.01.2090 - Outras peças não desossadas de bovino, frescas ou refrigeradas	0,04	0,04	0,01	0,00	0,03	0,00
02.02 - Carnes de bovinos, congeladas.	1.791,97	2.467,95	1.157,56	972,13	851,88	706,33
02.02.3000 - Carnes desossadas de bovinos, congeladas	1.789,96	2.463,02	1.153,04	967,11	848,51	704,43
02.02.2090 - Outras peças não desossadas de bovino, congeladas	1,94	4,88	4,46	4,68	3,31	1,84
02.06 - Miudezas de bovinos (parte do NCM)	63,94	92,86	83,46	84,57	87,62	50,96
02.06.2100 - Línguas de bovino, congeladas	11,60	17,84	7,60	7,37	6,38	6,04
02.06.2200 - Figados de bovino, congelados	6,29	5,88	6,87	4,60	2,71	0,20
02.06.2910 - Rabos de bovino, congelados	0,95	4,81	1,84	1,18	1,28	0,78
02.06.1000 - Miudezas comestíveis de bovino, frescas ou refrigeradas	0,20	0,32	0,07	0,03	0,39	0,47
02.06.2990 - Outras miudezas comestíveis de bovino, congeladas	44,90	64,02	67,07	71,40	76,85	43,47
<b>Total</b>	<b>2.483,06</b>	<b>3.227,37</b>	<b>1.369,26</b>	<b>1.107,45</b>	<b>1.013,70</b>	<b>757,29</b>

Fonte: Aliceweb. Elaboração própria.

Destacam-se como estados exportadores de carne desossada e congelada de bovino: São Paulo (respondeu por 33% das exportações de 2009), Mato Grosso (16%), Goiás (15%) e Mato Grosso do Sul (12%). Nos últimos anos, a Bahia teve uma presença insignificante nas exportações de carne bovina. Em 2008, o estado exportou para Israel 50 toneladas de carne desossada e congelada de bovino; e, em 2009, foram 225 toneladas para Israel e Jordânia.

De 2007 até 2009, os principais países demandadores do produto brasileiro foram Rússia, Venezuela, Irã, Hong Kong, Egito, Argélia e Itália. Desde 2008, a União Europeia passou a restringir importações de carne bovina do Brasil e definiu que apenas fazendas rastreadas e certificadas podem oferecer animais para abate com destinação ao seu mercado. Se antes perto de 11 mil fazendas forneciam animais para abate com destino ao mercado da União Europeia, hoje apenas 1.957 propriedades estão autorizadas a fornecer o produto para o bloco (IRLANDA PEDE ..., 2010). No gráfico abaixo se exibe a distribuição de carne brasileira entre esses países.



**Gráfico 2 – Destino das exportações brasileiras de carne bovina desossada e congelada, por volume (em %)**

Fonte: Aliceweb. Elaboração própria.

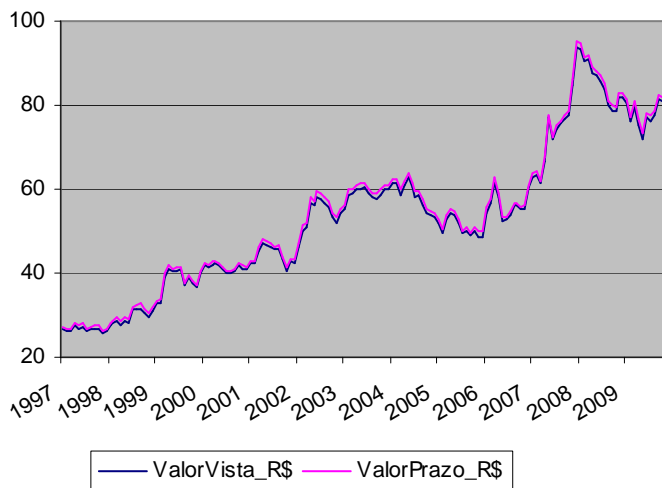
É relevante destacar que mercados consumidores importantes como México, Japão e Coreia do Sul não consomem carne brasileira, alegando que o produto não reúne atributos de qualidade que atendam aos seus consumidores. A carne bovina produzida no Brasil provém essencialmente de raças zebuínas e, assim, possui propriedades organolépticas não aceitas nos mercados do Japão e Coreia do Sul. A população desses países prefere os produtos provenientes da Austrália e dos Estados Unidos, uma vez que resultam de rebanhos de raças predominantemente de origem europeia e que são alimentados com grãos. A presença de febre aftosa também explica a rejeição da carne bovina brasileira nesses mercados (BRASIL, 2007).

Recentemente, autoridades do USDA encontraram resíduos de vermífugo, em quantidade superior ao permitido pela legislação americana, em carne brasileira exportada pelo frigorífico JBS, de Lins (São Paulo). O fato levou a empresa a fazer um *recall* do produto e o Ministério da Agricultura a suspender as exportações de carne bovina para os Estados Unidos. No momento (jun/2010), procura-se alinhar os métodos de análise realizados no Brasil com os procedimentos americanos. Nesse ínterim, o presidente dos produtores da Irlanda solicitou da União Europeia suspensão de compras do produto brasileiro (IRLANDA PEDE ..., 2010). Essa situação expõe o grau de dificuldade que o Brasil encontra no mercado internacional nesse segmento, e a necessidade de melhoria do padrão de qualidade do produto nacional para manter-se competitivo mundialmente.

### 3.3 – Cotação

De acordo com os indicadores calculados pela CEPEA – ESALQ, o preço da arroba de boi gordo registrou aumento nominal elevado nos últimos anos. Em 1997, o produto encerrou o ano cotado a R\$ 27,15/@ no mercado à vista; em maio último, a arroba do boi gordo foi cotada a R\$ 81,62 – um aumento de 200%. O momento de pico dessa cotação foi nos meses que antecederam a crise econômica mundial (de junho a setembro de 2008), quando o mercado mundial ainda estava bastante aquecido e com sistema de

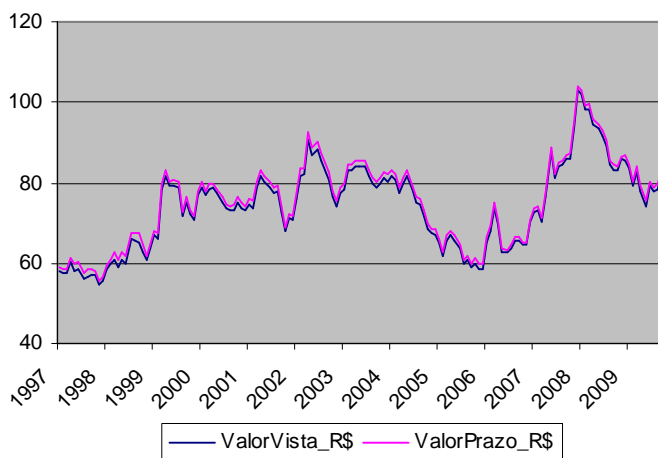
proteção menos rigoroso. Mesmo o mundo em crise, observa-se que, em termos nominais, a cotação do produto não caiu a nível inferior à cotação média de 2007. Desde meados de 2009, no entanto, a cotação do boi gordo voltou a aumentar. O gráfico abaixo exhibe essa evolução.



**Gráfico 3 – Cotação da arroba do boi gordo no final do mês – Jul/1997 a Mai/2010**

Fonte: CEPEA – ESALQ. Elaboração própria.

Em termos reais (valores deflacionados pelo IPCA), também se constata que a cotação atual da arroba do boi gordo supera o patamar do final dos anos 1990. Por outro lado, a evolução dos valores deflacionados mostra com mais precisão que o produtor vivenciou momentos difíceis entre 2006 e 2007, quando os preços ficaram muito próximos aos observados dez anos antes, entre 1997 e 1998. O gráfico a seguir mostra essa volatilidade.



**Gráfico 4 – Cotação da arroba do boi gordo no final do mês deflacionada pelo IPCA – Jul/1997 a Mai/2010**

Fonte: CEPEA – ESALQ. Elaboração própria.

#### **4 – Mercado de carne bovina na Bahia**

O segmento pecuário baiano tem apresentado dificuldades para o seu desenvolvimento. Tem sido assim nos últimos cinquenta anos, desde o primeiro Plano de Desenvolvimento, sem que tenha ocorrido qualquer avanço significativo. Considera-se que o quadro atual é muito semelhante àquele passado segundo estudos tanto de 1958 quanto de 1985 mencionados pela FAEB (2009).

Dentre as causas apontadas em ambos os estudos para essa estagnação no segmento pecuário estão o baixo poder aquisitivo da população (resultando em uma alimentação pobre em proteínas), as perdas no transporte e na industrialização, as condições climáticas desfavoráveis e a presença ainda significativa do abate clandestino em várias regiões da Bahia.

A coordenação da cadeia da carne encontra-se comprometida desde a produção de material genético até a gôndola do supermercado. Além disso, ocorrem ineficiências, alto grau de individualismo do produtor rural, desperdícios e distorções de preços. A metodologia atualmente utilizada pelo Governo do Estado da Bahia de Câmaras Setoriais e Temáticas vai ao encontro da necessidade de promover a participação dos atores na definição de um Plano Estratégico da Agropecuária Baiana. Desta forma, visa-se reduzir o individualismo, ao realizar o encontro das diversas pontas de interesses muitas vezes conflitantes. Ademais, proporciona a transferência e a troca de informações, insumo essencial para a realização do processo de planejamento estratégico do segmento.

Além dos fatores já citados, há problemas de coordenação dessa cadeia produtiva, decorrente da cultura predominantemente não-empresarial dos pecuaristas, da desarticulação da indústria frigorífica, dos limites no cumprimento da legislação sanitária e da fiscalização por parte de órgãos responsáveis. Também impactam negativamente essa cadeia diferenças tecnológicas e de escala de produção, ambos afetando a estrutura de custos de produção. Para que se alcance qualidade no produto final e se evite o comprometimento de reputação de agentes ao longo da cadeia produtiva deve-se procurar adotar uma visão sistêmica na solução dos problemas.

Mas não só de problemas vive o segmento. Abrem-se perspectivas de inserção da carne bovina a partir do crescimento da demanda mundial. A competitividade da indústria baiana pode ser favorecida se, aliada às vantagens de custos de produção, com base em recursos naturais abundantes, forem materializadas as ações voltadas para melhorar a articulação da cadeia e concretizados os investimentos para modernização de portos e a construção de ferrovias (o que contribui para redução de custos de transporte).

#### 4.1.Oferta

Nas tabelas seguintes, apresenta-se a participação da Bahia segundo características de tamanho de rebanho e produtividade em cotejo com essas mesmas características do rebanho nacional.

**Tabela 6: Efetivo de rebanho bovino (cabeças) e participação por área: Brasil, Nordeste e Bahia. 2005 a 2008.**

Área	2005	2006	2007	2008
Brasil	207.156.696	205.886.244	199.752.014	202.287.191
Nordeste	26.969.286	27.881.219	28.711.240	28.851.880
Bahia	10.463.098	10.764.857	11.385.723	11.099.880
% NE / BR	13,0%	13,5%	14,4%	14,3%
% BA / NE	38,8%	38,6%	39,7%	38,5%
% BA / BR	5,1%	5,2%	5,7%	5,5%

Fonte: IBGE - Pesquisa Pecuária Municipal.  
 Elaboração própria

A Tabela 6 expõe o quantitativo de rebanho do Brasil, Nordeste e Bahia, além da participação percentual de cada área, Nordeste com relação ao Brasil (% NE / BR), Bahia com respeito ao Nordeste (% BA / NE), e Bahia em relação ao Brasil (% BA / BR). A Tabela 7, por sua vez, elaborada a partir da Tabela 6, revela a variação percentual dos valores desta última. As duas tabelas combinadas permitem algumas conclusões. Enquanto o rebanho brasileiro tem apresentado uma média de 204 milhões de cabeças no período de 2005 a 2008, as taxas de variação têm sido de -0,6% de 2006 em relação a 2005, de -3% de 2007 em relação a 2006, e de 1,3% do ano de 2008 em relação ao ano anterior. Contudo, as taxas de variação do rebanho da região Nordeste e da Bahia têm sido mais expressivas e, geralmente, positivas. Exceção para a taxa de variação de -2,5% no ano de 2008 em relação a 2007, no caso da Bahia

**Tabela 7: Taxa de variação do quantitativo e de participação do rebanho bovino por área: Brasil, Nordeste e Bahia. 2006 a 2008.**

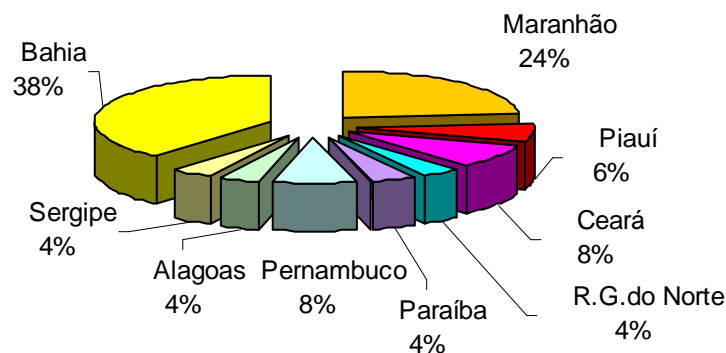
Área	2006/05	2007/06	2008/07
Brasil	-0,6%	-3,0%	1,3%
Nordeste	3,4%	3,0%	0,5%
Bahia	2,9%	5,8%	-2,5%
% NE / BR	4,0%	6,1%	-0,8%
% BA / NE	-0,5%	2,7%	-3,0%
% BA / BR	3,5%	9,0%	-3,7%

Fonte: Tabela 6  
 Elaboração própria



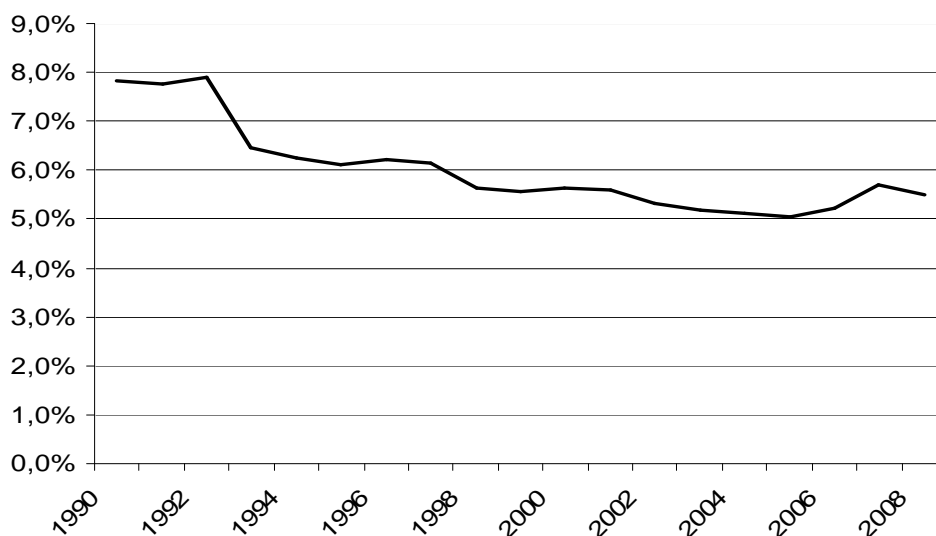
Em termos de participação no rebanho do Nordeste, a Bahia situa-se em primeiro lugar, com participação média de 38% no período de 2005 a 2008, correspondente a um plantel de 11,1 milhões. Em segundo, o Maranhão, com 24%, e plantel em torno de 6,6 milhões. A participação de todos os demais estados do Nordeste é menor ou igual a 8% do rebanho da região. De acordo com a Tabela 7, na média do período de 2005-2008, com base em dados da PPM / IBGE, a Bahia situa-se em nono lugar por tamanho de maior rebanho bovino, como já mencionado.

Entretanto, em uma perspectiva de longo prazo, a Bahia tem perdido posição no conjunto do país: tendo chegado a 7,9% no ano de 1992 com um plantel de 12,1 milhões de cabeças para um rebanho brasileiro de 154,2 milhões, em 2005 a Bahia contava com um rebanho de 10,4 milhões para um rebanho nacional de 207,2 milhões, participação de 5,1%. Em relação ao Nordeste, enquanto a participação da Bahia no rebanho desta região alcançou 45,2% em 1992, encontra-se no patamar de 38,5% em 2008. Em termos de taxa de variação, considerando o período de 1990 a 2005, enquanto o rebanho brasileiro e nordestino cresceram 40,8% e 3,0%, respectivamente, o da Bahia decresceu 9,1%. Entre as principais explicações para o fenômeno está a prolongada estiagem nos anos 1990, em áreas importantes da pecuária baiana, ocasionado uma redução significativa do rebanho.



**Gráfico 4: Participação (%) média de cada estado no rebanho do Nordeste, 2005 a 2008.**

Fonte: IBGE - Pesquisa Pecuária Municipal. Elaboração própria



**Gráfico 5: Evolução da participação (%) do rebanho da Bahia no rebanho nacional. Período de 1990 a 2008.**

Fonte: IBGE - Pesquisa Pecuária Municipal. Elaboração própria

Segundo a PPM / IBGE para o ano 2008, os dez municípios da Bahia que apresentaram os maiores rebanhos por ordem decrescente foram Itamarajú, Guaratinga, Itanhém, Itapetinga, Vitória da Conquista, Itarantim, Medeiros Neto, Itambé, Ibicuí e Ipirá. Esses municípios somados totalizavam um rebanho de 1.343.410 cabeças, o que correspondia a 12% do rebanho do estado naquele ano. A relativa desconcentração espacial do rebanho bovino na Bahia, com um volume significativo contabilizado na região semi-árida, explica a produtividade média (kg/animal) observada no estado.

Do ponto de vista da participação no abate em termos de quantitativo de cabeças, a Bahia tem se situado muito modestamente, apresentando as seguintes figuras para o ano de 2009: 4,6% de participação no abate de bois, 4,2% no de vacas e 1,8% no de novilhos(as). Estados como São Paulo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás apresentaram participações muito mais significativas. São Paulo e Mato Grosso, por exemplo, apresentaram participações de 14,6% e 16,5% no abate de bois, respectivamente.

Em termos de peso, a situação não poderia ser diferente. Enquanto a Bahia participa com 4,3% no abate em peso (apenas bois e vacas), Mato Grosso participa com 16,2%, São Paulo com 13,7% e Goiás, 10,1%, segundo IBGE para 2009. O total de abates na Bahia, em quantidade, passou de 1.099.319 em 2008 para 1.073.153 cabeças em 2009.

Dados sobre desfrute publicados pela AgraFNP (2009) permitem um comparativo da Bahia com outros estados da federação. O desfrute é definido como a razão entre o abate e o efetivo do rebanho. Segundo esses dados, a Bahia se encontraria atrás de outros estados também sob este aspecto. Com efeito, a taxa geral de abate na Bahia teria sido de 22,1% e de 22,4% para os anos de 2007 e 2008, respectivamente. Outros locais,

segundo esta mesma publicação, a exemplo do Distrito Federal e São Paulo, apresentaram taxas mais elevadas do que a Bahia. No caso do Distrito Federal, a taxa geral de abate teria sido de 47,2% em 2007, e de 44,7% em 2008. Já em São Paulo, teria sido de 45,4% em 2007 e de 43,3% em 2008.

Quanto à produtividade, segundo dados do IBGE para o ano de 2009, enquanto o Brasil apresentou índice para bois de 267 kg/animal, a da Bahia foi de 245, ou seja, 92% da produtividade do rebanho de bois nacional. Quando se trata de novilhos(as), o índice baiano correspondeu a 81% da produtividade nacional. No caso de vacas, contudo, a produtividade foi de 104% da calculada para o Brasil. Na média, enquanto a produtividade do Brasil foi de 226 kg/animal, a da Bahia foi de 208, ou seja, correspondente a 92% da média nacional. No cômputo da média, excluíram-se vitelos(as), pois há indisponibilidade de dados para a Bahia. A Tabela 8 apresenta esses dados.

**Tabela 8: Produtividade de rebanho bovino por tipo (kg/animal). Brasil e Bahia, 2009.**

<b>Tipo</b>	<b>Brasil</b>	<b>Bahia</b>	<b>% Ba/BR</b>
<b>Bois</b>	267	245	92
<b>Vacas</b>	194	201	104
<b>Novilhos e novilhas</b>	219	178	81
<b>Vitelos e vitelas</b>	52	-	-
<b>Média</b>	226	208	92

Fonte: IBGE . Elaboração própria

Nota: \* No cálculo da média, excluíram-se vitelos (as)

**Tabela 9: Evolução da produtividade de rebanhos do Brasil e Bahia e comparativo entre ambos. 2002-2009**

<b>Brasil e Ufs</b>		<b>Tipo de rebanho bovino</b>	<b>2002</b>	<b>2003</b>	<b>2004</b>	<b>2005</b>	<b>2006</b>	<b>2007</b>	<b>2008</b>	<b>2009</b>	<b>Média</b>
Brasil	Bois		257	256	257	259	260	260	261	267	260
	Vacas		190	190	190	189	188	188	189	194	190
Bahia	Bois		253	248	242	243	243	240	237	245	244
	Vacas		202	203	200	200	194	193	192	201	198
Bahia / Brasil	Bois		98%	97%	94%	94%	93%	92%	91%	92%	94%
	Vacas		106%	107%	105%	106%	103%	102%	102%	104%	104%

Fonte: IBGE . Elaboração própria.

A Tabela 9 permite acompanhar a evolução da produtividade de rebanhos de bois e vacas ao longo de um período mais longo, de 2002 a 2009, tanto do Brasil quanto da Bahia. Observa-se, das últimas duas linhas, a partir da razão entre Bahia e Brasil, que os percentuais da relação entre as produtividades de ambos são decrescentes nos dois

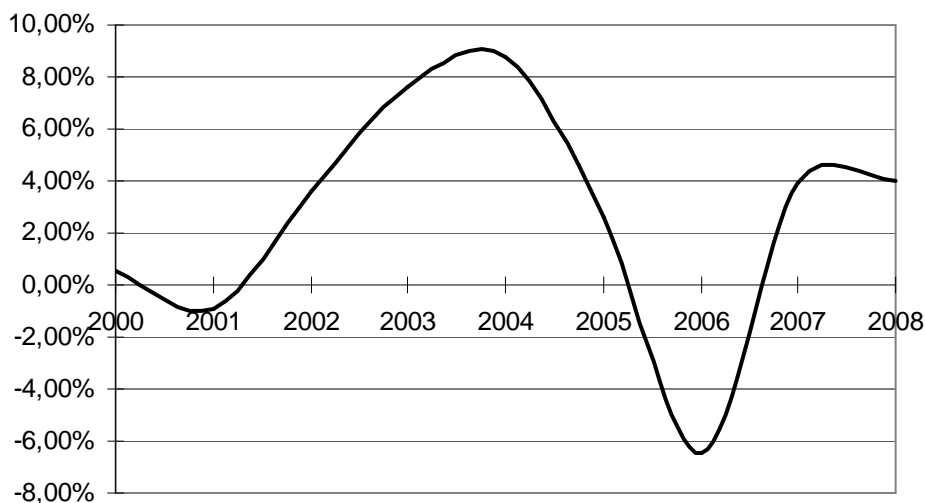
rebanhos. No entanto, conforme já observado anteriormente, a produtividade de vacas do rebanho baiano é de 2% a 4% superior à produtividade do rebanho nacional.

**Tabela 10: Produção de Carne Bovina  
Tonelada equivalente-carcaça. Bahia, 2000 - 2009**

Ano	Ton	Δ%
2000	374.977	-
2001	376.976	0,53%
2002	373.385	-0,95%
2003	386.825	3,60%
2004	416.221	7,60%
2005	452.787	8,79%
2006	464.773	2,65%
2007	434.582	-6,50%
2008	451.639	3,92%
2009**	469.728	4,01%

Fonte: Anualpec 2009. Elaboração própria

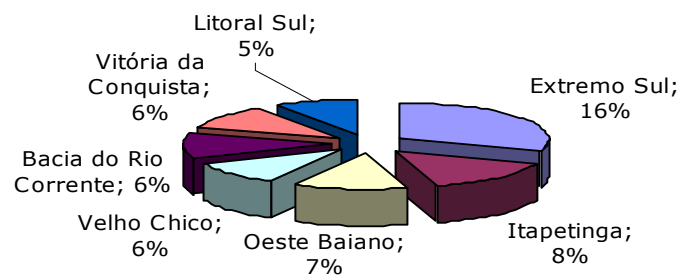
\*\*Estimativa



**Gráfico 6: Variação (%) da produção de carne bovina.  
Bahia. Tonelada equivalente-carcaça.**

Fonte: IBGE – Pesquisa Pecuária Municipal. Elaboração própria

A Tabela 10 e o Gráfico 6 revelam e ilustram o quantitativo de produção de carne bovina e a variação percentual anual no período de 2000 a 2009 para a Bahia. Observa-se que nesse período houve um incremento de 25,3% na produção de carne bovina, mas esse crescimento não foi linear: os anos de 2004 e 2005 apresentaram taxas muito elevadas, não inferior a 7,6%; contudo, em 2007, a taxa foi negativa de 6,5%.



**Gráfico 7: Participação (%) média do rebanho por Território de Identidade no rebanho do estado, 2005-2008.**

Fonte: IBGE - Pesquisa Pecuária Municipal. Elaboração própria

Quando se observa a produção baiana por território de identidade, verifica-se que os sete territórios de maior produção são Extremo Sul, Itapetinga, Oeste Baiano, Velho Chico, Bacia do Rio Corrente, Vitória da Conquista e Litoral Sul, nesta ordem. O Gráfico 7 ilustra os percentuais de participação de cada território na produção total da Bahia.

**Tabela 11: Efetivo de Rebanho Bovino da Bahia e Participação por Município. Bahia, 2005 a 2008.**

Ranking de cidades	2005	2006	2007	2008	Média	Participação (%)
Itamaraju	173.584	169.333	163.714	156.783	165.854	1,5
Guaratinga	142.693	152.571	153.193	144.341	148.200	1,4
Itanhém	155.925	158.235	152.496	143.281	152.484	1,4
Itapetinga	117.932	127.381	148.508	143.151	134.243	1,2
Vitória da Conquista	131.318	136.436	148.822	142.165	139.685	1,3
Itarantim	126.871	136.278	150.807	140.345	138.575	1,3
Medeiros Neto	134.517	140.015	136.941	124.268	133.935	1,2
Itambé	112.723	116.105	122.738	123.721	118.822	1,1
Ibicuí	107.873	110.030	112.780	115.035	111.430	1,0
Ipirá	131.820	128.625	127.430	110.320	124.549	1,1
Macarani	71.976	77.627	128.159	105.828	95.898	0,9
Outros	9.055.866	9.312.221	9.840.135	9.650.642	9.464.716	86,6
Bahia	10.463.098	10.764.857	11.385.723	11.099.880	10.928.390	100,0

Fonte: IBGE - Pesquisa Pecuária Municipal. Elaboração própria

A Tabela 11 informa o efetivo de rebanho bovino por município do estado da Bahia. Observa-se que Itamarajú, em primeiro lugar, apresenta participação de 1,5%, seguido de Guaratinga, Itanhém e Itapetinga.

## **4.2 Demanda**

O volume de carne produzido no estado baiano é absorvido essencialmente pelo seu mercado interno, uma vez que, como já visto, as exportações baianas de carne bovina são muito pequenas. No ano de 2008, o volume vendido externamente desse produto foi de apenas 50 toneladas, com receita gerada de US\$ 146 mil. Apesar de, no ano de 2009, os valores arrecadados com a exportação de “carnes bovinas desossadas e congeladas” ter crescido 258% em relação ao ano anterior, alcançando US\$ 522 mil, esse item continuou com participação ínfima do ponto de vista da pauta de exportações totais brasileiras desse produto. Para que se tenha idéia de dimensão, São Paulo, estado maior exportador, alcançou quantia superior a US\$ 1,3 bilhão no ano de 2008, e superior a US\$ 875 milhões no ano de 2009. Esses valores corresponderam, respectivamente, a 37% e a 33% de participação no total exportado pelo país.

Um exercício para avaliar a demanda interna de carne bovina, por sua vez, pode ser realizado a partir da consideração do consumo médio de carne de brasileiros (37,1 kg/ano) e da população estimada pelo IBGE para o estado em 2009 (14,6 milhões). Com esses valores é possível inferir que a demanda baiana pelo produto supera a casa das 540 mil toneladas. Tomando como referência a produção de carne no estado divulgada pelo AgraFNP (2009) de 469 mil toneladas equivalente de carcaça, conclui-se que parte do consumo está sendo atendido por produtos procedentes de outros estados e/ou por produtos provenientes de mercados paralelos (abate clandestino). Vale registrar que essa discrepância entre a demanda e a oferta baiana do produto deve superar a casa das 100 mil toneladas, já que o cômputo da produção através de volume equivalente de carcaça incorpora o peso da própria carcaça (osso do animal) que não é consumido.<sup>3</sup>

Se calculada a produção de carne no estado apenas originária de abate em frigoríficos com selos de inspeção federal e estadual, constata-se que, não havendo qualquer capacidade ociosa nesses estabelecimentos, é possível alcançar 455 mil toneladas. Para esse exercício tomou-se como parâmetros os valores informados na tabela seguinte e a produtividade média de bois (245 kg/animal) e vacas (201 kg/animal) observada no estado em 2009.

Constata-se facilmente que, seja em menor ou maior grau, a demanda por carne bovina da Bahia não é completamente satisfeita pela produção local, se considerada apenas a produção devidamente fiscalizada e inspecionada.

---

<sup>3</sup> Considerando dados do IBGE para produção de carne (carcaças equivalente de bois e vacas) na Bahia em 2009, o volume alcança não mais que 246,7 mil toneladas, o que implicaria em um déficit substancialmente maior.

**Tabela 12- Unidades Frigoríficas, Localização e Capacidade Diária de Abate Bahia, 2009**

FRIGORÍFICOS	MUNICÍPIO	CAPACIDADE (CAB. DIA)
SIF		
FRIBARREIRAS	BARREIRAS	500
UNIFRIGO*	JEQUIÉ	400
FRIFEIRA	FEIRA DE SANTANA	400
FRISA	TEIXEIRA DE FREITAS	360
BERTIN	ITAPETINGA	350
UNIFRIGO	SIMÕES FILHO	300
Subtotal		2.310
SIE		
FRIGOSAJ	SANTO ANTONIO DE JESUS	500
CAMPO DO GADO	FEIRA DE SANTANA	400
CRIASISAL	SIMÕES FILHO	250
UNIFRIGO	SIMÕES FILHO	250
FRIG. MUNICIPAL	VITÓRIA DA CONQUISTA	200
FRIMATOS	INHAMBUPE	200
COSTA ANDRADE	INHAMBUPE	200
GEOMAR	SIMÕES FILHO	200
MATADOURO JOÃO SANTOS	SANTA BÁRBARA	150
FRIGOPAR	EUNÁPOLIS	150
ABAT. SÃO FRANCISCO DE ASSIS	PAULO AFONSO	100
FRIG. RUY BARBOSA	RUY BARBOSA	65
FRIGOALAS	ALAGOINHAS	700
FRIGOSERRA	SERRINHA	450
FRIGAMAR	AMARGOSA	300
STA. MARIA DA VITÓRIA	STA. MARIA DA VITÓRIA	200
MARFRIB	BRUMADO	250
Subtotal		4.565
Total Geral		6.875
Mensal (24 dias de funcionamento)		165.000

Fonte: FAEB / SENAR (2009)

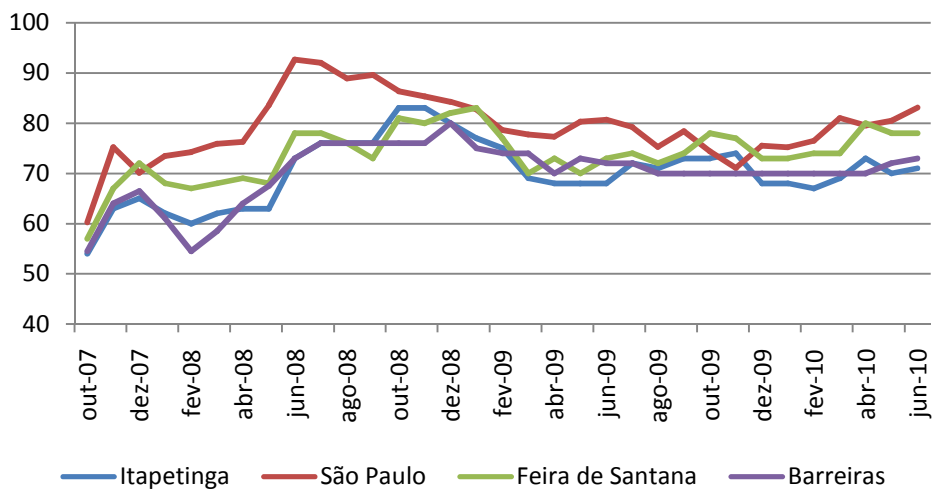
Pela Tabela 12, constata-se uma concentração de equipamentos de abatedouro com selos SIF ou SIE na região do recôncavo, inclusive Feira de Santana. Apenas neste município, contam-se dois frigoríficos com capacidade total de abate de 800 cabeças/dia. Em Simões Filho, são quatro equipamentos, com capacidade total de 1000 cabeças/dia. Essa concentração da indústria resulta em uma melhor organização da cadeia na região vis-à-vis a de outras regiões desprovidas desses equipamentos.

### 4.3 Cotação

A cotação da carne bovina no estado varia em função da região, não se observando um mercado organizado em base única no estado. De modo geral, as cotações registradas nas principais praças baianas movimentam-se em consonância com a cotação verificada no mercado paulista, situando-se, contudo, levemente abaixo desta. Entre as três praças



mais importantes do estado (Feira de Santana, Itapetinga e Barreiras), pelo que se pode verificar no Gráfico 8, as melhores cotações são notadas na praça de Feira de Santana. A bem da verdade, não se trata de uma surpresa, haja vista a presença de dois frigoríficos no município e de mais quatro em Simões Filho.



**Gráfico 8 – Cotação da arroba do boi gordo no final do mês – Out/2007 a Jun/2010**  
 Fonte: SEAGRI, CEPEA-ESALQ.

#### 4.4 Alguns números sobre rentabilidade

Estudo feito pelo CEPEA/ESALQ-USP em 2009, pela metodologia de painel, levantou dados e alcançou alguns resultados que são, em parte, apresentados na Tabela 12. Essa metodologia permite estabelecer, por meio de reuniões entre produtores e pesquisadores do CEPEA, um perfil da propriedade modal a partir de características observadas das propriedades da região. A propriedade modal seria aquela que, como o nome sugere, mais ocorre na região onde o estudo é realizado. A partir dessa propriedade modal infere-se sobre o perfil daquela localidade. Os municípios baianos analisados foram Barreiras, Feira de Santana, Itamarajú e Itapetinga. Os sistemas de produção podem ser cria, cria-recria, ciclo completo, recria, recria-engorda e engorda. Foram consideradas como receitas tão somente as vendas de bois (pelo valor da arroba), não se computando outras fontes como a conhecida comercialização, em separado, do couro.

Algumas definições são necessárias para as análises que seguem. O custo operacional efetivo (COE) corresponde ao desembolso do produtor, o custo operacional total (COT) é a soma do COE e a depreciação, e o custo total (CT) é a soma de COT e a remuneração (juros) do capital circulante e de investimento em benfeitorias, máquinas, animais e terra. Essa despesa de depreciação é calculada sobre as benfeitorias, máquinas, equipamentos, implementos, utilitários e pastagem. Já o custo operacional efetivo inclui manutenção de pastagens (insumos e operações), suplementação animal, retirada familiar (pró-labore), pagamento de mão-de-obra, vacinas, controle parasitário e antibiótico.

A seguir, fazem-se alguns comentários sobre esse estudo por três regiões, Barreiras, Feira de Santana e Itamarajú e Itapetinga, começando por Barreiras.

#### **4.3.1 Barreiras**

Nessa região, a propriedade típica encontrada é de 700 hectares, sendo o preço do hectare da terra com pastagem de R\$ 1.200,00. O rebanho dessa propriedade é de 234 animais, correspondentes a 114,85 Unidade Animal (UA),<sup>4</sup> com taxa de lotação de 0,41 UA/ha. O rebanho na região é formado por bezerras(as), novilhas, touros, bois, vacas solteiras e paridas.

A receita da propriedade é constituída pela venda de bezerras, garrotes, bois magros, reprodutores, vacas para descarte e bezerras. O produto que mais contribuiu para a receita foi a venda de vacas para descarte com 31% do total da entrada de caixa.

Deve-se destacar o aumento expressivo de custos com nutrição mineral e manutenção de pastagens, tendo correspondido a 17,7 % e 17,1% do COE, respectivamente.

De acordo com a Tabela 12, para a região de Barreiras, no sistema de cria-recria, a receita líquida total aponta prejuízo de R\$ 24.233,50. Este resultado foi obtido a partir de receita da pecuária de R\$ 32.194,17, deduzido o custo operacional efetivo (COE) de R\$ 36.033,33 e despesa de depreciação de R\$ 20.394,33. Como se pode observar, a receita da pecuária não cobre nem o COE.

#### **4.3.2 Feira de Santana**

O preço do hectare de pastagem formada na região foi de R\$ 3.000,00, sendo o tamanho típico de propriedade encontrado de 500 hectares, rebanho total de 480 animais (entre bois gordos e magros) ou 231,16 UA, com taxa de lotação de 0,53 UA/ha de pastagem. O sistema típico de produção de bovinocultura de corte identificado pela pesquisa na região foi o de engorda. A receita da propriedade era constituída apenas pela venda de bois gordos, sendo comercializados 240 animais por ano.

Os resultados para o município de Feira de Santana foram positivos em R\$ 21.147,04, obtidos de receita pecuária de R\$ 335.462,40, custos operacionais efetivos e depreciação de R\$ 285.500,14 e R\$ 28.815,22, respectivamente, e COT, por conseguinte, de R\$ 314.315,36. Ou seja, a receita cobria os custos operacionais e

---

<sup>4</sup> Cada Unidade Animal – UA - equivale a 450 kg de peso vivo e representa um critério objetivo de uniformização de rebanhos, de modo a procurar tornar o objeto de análise mais homogêneo. No caso em tela, os 234 animais correspondem a um peso total de 51.682,50 kg que divididos por 450 kg/ U.A. resulta em 114,85 U.A. Esse peso total é obtido a partir da quantidade de vacas e bois existentes no plantel considerando os dados de produtividade da tabela 8 para a Bahia.

depreciação, porém, o resultado era insuficiente para a renovação das benfeitorias da propriedade ao longo do tempo. Considerando o custo de oportunidade de 6% do capital investido, correspondente a R\$ 150.261,91, chegou-se a um custo total (CT) de R\$ 464.577,25.

Em síntese, o estudo revelou que a pecuária de corte remunerava todo o custo operacional efetivo e também a depreciação de suas instalações, revelando que a atividade é sustentável; entretanto, o tempo de retorno do capital foi calculado e resultou em um período muito longo, mesmo sem considerar o pró-labore do produtor, que é por ele próprio determinado.

### **4.3.3 Itamarajú e Itapetinga**

Para os municípios de Itamarajú e Itapetinga os resultados apurados também foram negativos em R\$ 1.615,50 e R\$ 40.964,19, respectivamente. Os sistemas de produção usados nestes municípios foram de cria e recria-engorda, consecutivamente.

Estes resultados apontavam no sentido da alta sensibilidade dos resultados com respeito à localidade e/ou sistema de produção. Com efeito, para propriedades com número reduzido de plantel, em torno de 115 animais, o prejuízo se elevou significativamente em Barreiras se comparado a Itamarajú. Neste município, pelo sistema de cria somente, a receita é maior e os custos operacionais menores.

Dados divulgados pela AgraFNP reforçam a baixa rentabilidade do segmento e a sua sensibilidade quanto à escala de produção e localidade. Pelo sistema de cria/recria/engorda semi-intensiva com escala de 500 U.A., observa-se rentabilidade de 3% a.a. para Barreiras e de 2,5% a.a. para Itapetinga. Já em escala de 5000 U.A., a rentabilidade, como seria de esperar, se eleva para 5,4% a.a. em Barreiras e para 4,2% a.a. em Itapetinga. Ou seja, as taxas de rentabilidade se elevam de 80% em Barreiras e de 68% em Itapetinga como decorrência do aumento de escala. Em outras palavras, o efeito da variação da escala sobre a rentabilidade é 18% maior em Barreiras do que em Itapetinga. Em uma estimativa de elasticidade-escala da rentabilidade, enquanto em Barreiras seria de 0,09, em Itapetinga seria de 0,08. Isto significa que para um aumento de escala de 100%, a rentabilidade se elevaria de 9% em Barreiras e de 8% em Itapetinga.

**Tabela 13: Estimação de resultados líquidos segundo estudo para quatro regiões da Bahia. 2008.**

Municípios	Barreiras	F.de Santana	Itamarajú	Itapetinga
Sistema de Produção	Cria-Recria	Engorda	Cria	Recria-Engorda
Taxa de cria / rebanho (%)	57,8%	-	60,76%	-
Mortalidade Animais Jovens (%)	10,3%	-	2,27%	-
Mortalidade Animais Adultos (%)	3,0%	3,00%	0,50%	3,00%
Intervalo entre Partos (meses)	24	-	18	-
Idade de Desmame (meses)	8	-	9	-
Idade da primeira cria (meses)	42	-	36	-
Peso ao nascimento (kg)	25	-	28	-
Peso no desmame (kg)	150	-	180	-
Taxa de Desfrute (%)	28,6%	50,00%	31,50%	23,90%
Taxa de Rep. Desc Matrizes (%)	12,0%	-	12,00%	-
Taxa Reposição Touro /Ano (%)	24,0%	-	24,00%	-
Rel. Touro/Vaca	30	-	36	-
Área Total (hectares)	700	500	400	400
Área de pastagem (hectares)	280	450	280	300
Número de Vacas	114	-	120	-
Total animais	234	480	276	574
Taxa de Lotação em área de Pasto (UA/Hectare)	0,41	0,52	0,61	0,83
Receita da Pecuária	R\$ 32.194,17	R\$ 335.462,40	R\$ 52.160,00	R\$ 134.976,05
COE	R\$ 36.033,33	R\$ 285.500,14	R\$ 27.847,50	R\$ 126.150,24
Depreciação	R\$ 20.394,33	R\$ 28.815,22	R\$ 25.928,00	R\$ 49.790,00
COT	R\$ 56.427,67	R\$ 314.315,36	R\$ 53.775,50	R\$ 175.940,24
Receita Líquida Total	R\$ (24.233,50)	R\$ 21.147,04	R\$ (1.615,50)	R\$ (40.964,19)

Fonte: CEPEA/ESALQ - USP

## Conclusões

O Brasil é um importante *player* no mercado internacional de carne bovina, apresentando-se como um dos maiores produtores e maior exportador do produto. A Bahia, no entanto, não participa desse processo: tanto em 2008 quanto em 2009, as exportações baianas de “carnes bovinas desossadas e congeladas” (principal produto do setor exportado) foram ínfimas, resultando receitas de US\$ 146 mil em 2008 e de US\$ 522 mil em 2009 (0,02% das exportações brasileiras do produto).

Como visto, o rebanho do estado (11,1 milhões de cabeças em 2008) é o nono maior do país, representando 5,5% do conjunto nacional e o abate de bois e vacas corresponde a 4,4% do abate de todo o país. Em termos de peso das carcaças abatidas, a situação do estado resulta ainda mais tímida, pois a produção do estado responde por não mais que 4,3% da nacional. Esses dados de produção permitem compreender o porquê do consumo estimado para o estado apresentar-se superior à oferta, indicando haver abastecimento do mercado por produção proveniente de outros estados e/ou por produções clandestinas. É recorrente a menção de que o abate clandestino é bastante

elevado, a ponto de sua extinção se constituir em um dos objetivos do Ministério Público do Estado da Bahia.

Estudo realizado pelo CEPEA-ESALQ-USP em 2009 sobre rentabilidade do setor, avaliou a propriedade modal de algumas regiões baianas com vocação para a pecuária de corte e concluiu que o empreendimento não tende a apresentar bons resultados. A região de Feira de Santana exibe-se nesse cenário como a que viabiliza melhores níveis de rentabilidade, com valores positivos ainda que baixos. É verdade, contudo, que o estudo não considerou fontes de receitas acessórias à pecuária, notadamente a venda do couro, o que certamente permitiria a obtenção de resultados melhores.

É importante acrescentar que as cotações do boi gordo observadas na praça de Feira de Santana também se apresentam superiores às contabilizadas em outras praças importantes do estado. Esse quadro certamente provém da maior demanda pelo produto por parte dos frigoríficos implantados no município e circunvizinhos. Os equipamentos de Feira de Santana têm capacidade conjunta de abate de 800 cabeças/dia. Os de Simões Filho somam 1000 cabeças/dias. Ainda há equipamentos implantados em Alagoinhas, Santo Antonio de Jesus e Serrinha, o que torna o produto do pecuarista mais bem cotado.

Possivelmente o maior problema que afeta a pecuária de corte baiana seja a desarticulação dos agentes envolvidos na cadeia produtiva da carne bovina. Em vários estudos sobre a atividade (a exemplo do realizado pelo MAPA em 2007) evidencia-se que um dos fatores fundamentais para o sucesso de empreendimentos envolvidos na pecuária é a coordenação entre os diferentes atores envolvidos ao longo da cadeia. Se o problema é considerado relevante nacionalmente, no nível estadual ele é muito mais grave. Pode resultar em boas perspectivas para melhorar esse quadro o sucesso das ações da Câmara Setorial da Carne implantada no âmbito da SEAGRI do Governo do Estado da Bahia. Busca-se, nesse fórum, fortalecer os elos da cadeia produtiva, através da coordenação das atividades dos atores envolvidos no segmento, além de alimentar de informações o processo de planejamento estratégico para a agricultura do estado.

Á guisa de recomendações para as gerências operacionais na análise de projetos relativos à pecuária de corte, sugere-se observar:

- se há preocupação com a tecnologia empregada na produção;
- quais são os cuidados para melhoramento dos fatores genéticos;
- se há manejo adequado do rebanho;
- existência de sistemas de rastreabilidade e certificação;
- atenção a questões ambientais e sanitárias;
- produtividade média do rebanho (kg/animal), tendo em mente que a média baiana é muito baixa e que o empreendimento precisa situar-se acima dessa média;
- proximidade de frigoríficos para escoamento da produção;

- o tipo de selo de inspeção (estadual ou federal) do frigorífico para onde o rebanho é destinado;
- a cotação que o pecuarista vem obtendo para o seu produto.

## Referências

ABATE DE VACAS ALTO NOS ESTADOS DE CRIA. Notícia de 31/03/2009. Disponível em <http://www.pecuaria.com.br>. Acesso em 01/06/2010.

ARROBA DA VACA ESTÁ VALORIZADA NO MS. Notícia de 19/04/2010. Disponível em <http://www.globoruraltv.globo.com>. Acesso em 01/06/2010.

ANUALPEC 2009 – Anuário da Pecuária Brasileira. São Paulo: Agra FNP Pesquisas, 2009.

BRASIL. MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. **Cadeia produtiva da carne bovina**. Antônio Márcio Buainain e Mário Otávio Batalha (coord.). – Brasília : IICA - Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura / MAPA/SPA - Secretaria de Política Agrícola, 2007.  
(Agronegócios ; v. 8)

CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM ECONOMIA APLICADA – CEPEA/ESALQ-USP. RELATÓRIO DE PESQUISA. **Custo de produção em pecuária de corte em 2008, região de Feira de Santana (BA)**. Geraldo Sant’Ana de Camargo Barros e Sergio de Zen (coord.). Piracicaba: 2009.

CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM ECONOMIA APLICADA – CEPEA/ESALQ-USP. RELATÓRIO DE PESQUISA. **Custo de produção em pecuária de corte em 2008, região de Barreiras (BA)**. Geraldo Sant’Ana de Camargo Barros e Sergio de Zen (coord.). Piracicaba: 2009.

CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM ECONOMIA APLICADA – CEPEA/ESALQ-USP. RELATÓRIO DE PESQUISA. **Custo de produção em pecuária de corte em 2008, região de Itamarajú e Itapetinga (BA)**. Geraldo Sant’Ana de Camargo Barros e Sergio de Zen (coord.). Piracicaba: 2009.

FEDERAÇÃO DA AGRICULTURA DO ESTADO DA BAHIA (FAEB), SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM RURAL ADMINISTRAÇÃO ESTADO DA BAHIA (SENAR). **Plano de Ações Estratégicas para o Desenvolvimento da Cadeia Produtiva da Carne Bovina no Estado da Bahia**. Luiz Freire Sande e Nelson Pineda (coord.). Salvador: FAEB / SENAR, 2009.

IRLANDA PEDE NOVAMENTE EMBARGO À CARNE DO BRASIL. Notícia de 02/06/2010. Disponível em <http://www.pecuaria.com.br>. Acesso em 04/06/2010.

MACEDO, Luís Otávio Bau Macedo. Modernização da Pecuária de Corte Bovina no Brasil e a Importância do Crédito Rural. *Informações Econômicas, SP, v.36, n.7, jul. 2006*. Disponível em <ftp://ftp.sp.gov.br/ftpiea/publicacoes/seto2-0706.pdf>. Acesso em 10/05/2010

MOREIRA, Saulo A.; THOMÉ, Karim. M; FERREIRA, Polyanna da S; BOTELHO, Flávio B. Análise econômica da terminação de gado de corte em confinamento dentro da dinâmica de uma propriedade agrícola. **Custos e @gronegocio on line**. V. 5, n. 3 - Set/Dez - 2009.

Disponível em <http://www.custoseagronegocioonline.com.br/numero3v5/gado%20de%20corte.pdf>. Acesso em 12/05/2010.

**Sites:**

Aliceweb: [www.aliceweb.desenvolvimento.gov.br](http://www.aliceweb.desenvolvimento.gov.br)

CEPEA – ESALQ: [www.cepea.esalq.usp.br](http://www.cepea.esalq.usp.br)

IBGE: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)

IPEADATA: [www.ipeadata.gov.br](http://www.ipeadata.gov.br)

USDA: [www.usda.gov](http://www.usda.gov)